



 LITURGIAS CULTURAIS
VOLUME 1

Desejando o Reino

CULTO, COSMOVISÃO
E FORMAÇÃO CULTURAL

James K. A. Smith


VIDA NOVA

Se a educação é sobretudo *formação* — mais especificamente, a formação dos nossos desejos — disso se segue que ela se dá em toda parte (para o bem e para o mal). A educação como formação não é o tipo de coisa que permaneça restrita aos muros da escola, da faculdade ou da universidade. Se educação diz respeito a formação, então é preciso que estejamos atentos a todo trabalho de formação que ocorre fora da universidade: nos lares e no shopping; nos estádios de futebol e nos desfiles da independência; no culto e no trabalho. Talvez a principal missão deste livro seja aprofundar o comprometimento com a educação cristã, o que também aprofundará o comprometimento com a adoração cristã. O objetivo é compreendermos o que está em jogo nos dois casos — nada menos do que a formação de discípulos dedicados que desejam o reino de Deus.

DA “INTRODUÇÃO”

De forma lúcida e vibrante, James Smith volta no tempo, para antes ainda de Calvino, e retoma argumentos de Agostinho em busca de elementos para tecer uma nova e criteriosa proposta para a educação superior focando os desejos fundamentais do coração humano e não as cosmovisões. Smith descreve com extrema habilidade as “liturgias” da vida contemporânea em ação nas igrejas — e também nos shoppings, nos estádios e na publicidade. Em seguida, reinterpreta a universidade cristã como um lugar em que os alunos aprendem a amar o mundo da maneira certa, e não apenas a pensar sobre ele.

DOUGLAS JACOBSEN E RHONDA HUSTEDT
JACOBSEN, Messiah College

Sumário

<i>Prefácio</i>	9
<i>Agradecimentos</i>	11
<i>Material em destaque</i>	15
Introdução: Além das “perspectivas”: fé e aprendizado requerem prática	17
Tornando estranho o que é familiar: uma fenomenologia das liturgias culturais..	19
O fim da educação cristã: da cosmovisão à adoração (e vice-versa)	28
Elementos de uma teologia da cultura: pedagogia, liturgia e a igreja	35
 PRIMEIRA PARTE Animais que imaginam e desejam SOMOS AQUILO QUE AMAMOS	
1. <i>Homo liturgicus</i>: a pessoa humana como ser que ama	39
De coisas pensantes a animais litúrgicos	40
De cosmovisões a imaginários sociais	63
Das esferas para os alvos: instituições litúrgicas	72
2. O amor requer prática: liturgia, formação e contraformação	75
Práticas <i>tênu</i> es e <i>dens</i> as: forças ritualísticas da formação cultural	80
Formação, <i>de</i> formação e <i>contra</i> formação: liturgias seculares e cristãs	87
3. Seres que amam num tempo perigoso: exegese cultural das liturgias “seculares”	91
“Lendo” a cultura através das lentes da adoração.....	91
Transcendência consumista: adoração no shopping	95
Violência sacrificial: o “complexo de entretenimento militar”	106
Excurso: sobre o patriotismo.....	113
Catedrais do aprendizado: liturgias da universidade	115
Excurso apologético: o testemunho persistente da idolatria.....	125

SEGUNDA PARTE
Desejando o reino

O FORMATO DA PRÁTICA DA VIDA CRISTÃ

4. Da adoração à cosmovisão: a adoração cristã e a formação do desejo	135
A primazia da adoração sobre a cosmovisão.....	135
A imaginação sacramental: resistindo ao naturalismo e ao sobrenaturalismo.....	141
Excurso: a forma da adoração cristã	154
5. Praticando (para) o reino: uma exegese do imaginário social	
 entranhado na adoração cristã	157
Tempo litúrgico: ritmos e cadências da esperança.....	157
Chamado à adoração: um convite para sermos humanos	161
Saudação a Deus e saudações mútuas: hospitalidade, comunidade e dependência da graça	168
Cântico: transformando em hinos a linguagem do reino	172
A Lei: ordem, normas e liberdade para o bem	176
Confissão e declaração de perdão: rompimento, graça, esperança	179
Batismo: iniciação em um sacerdócio real, constituição de um povo novo	185
O Credo: situando a fé.....	193
Oração: aprendendo a linguagem do reino.....	195
Escritura e sermão: narrando o mundo novamente.....	197
Eucaristia: ceia com o Rei	200
Oferta: a economia de gratidão do reino.....	206
Enviando como testemunhas: o mandato cultural cumpre a Grande Comissão	208
Adoração, discipulado e disciplina: práticas que vão além do domingo.....	211
6. A universidade cristã é para os que amam: a educação do desejo	219
Um novo monasticismo para a universidade: por que as faculdades cristãs deveriam corromper a juventude.....	221
A educação cristã requer prática: três oportunidades “monásticas”	227
Adoração cristã como desenvolvimento do corpo docente: de estudiosos cristãos a estudiosos eclesiais	234
<i>Índice remissivo</i>	<i>235</i>

Prefácio

Este livro tem um alvo principal, mas também, a expectativa de provocar um impacto secundário. A gênese do projeto foi o desejo de transmitir a estudantes (e professores) uma concepção de como deveria ser o ensino autêntico e integralmente cristão, enfatizando o modo pelo qual o aprendizado está conectado à adoração e como, juntos, constituem práticas de formação e de discipulado. Em vez de se concentrar no que os cristãos *pensam*, destilando daí a fé cristã e transferindo-a, em seguida, para uma fórmula intelectual resumida (uma “cosmovisão”), este livro se aterá ao que os cristãos *fazem*, articulando a forma de um “imaginário social” cristão, conforme se acha arraigado nas práticas da adoração¹ cristã. (Tomei como inspiração o livro de Alexander Schmemmann, *For the life of the world* [Em favor da vida do mundo] — embora não tenha a pretensão de ter chegado perto da majestade compacta desse livrinho maravilhoso). Em suma, o objetivo é passar da cosmovisão para a adoração como matriz da cosmovisão cristã — e analisar quais são as consequências dessa troca na tarefa da educação cristã e na forma da adoração cristã. Para isso, não é preciso deixar de falar sobre a cosmovisão, mas simplesmente situá-la em sua relação com as práticas cristãs, sobretudo as práticas da adoração cristã. Portanto, considero este livro como um guia para os textos de sala de aula sobre visão de mundo, como o de Walsh e Middleton, *Transforming vision*,² o de Wolter, *Creation regained*,³ ou o de Plantinga, *Engaging God’s world*.⁴

Enquanto trabalhava no projeto deste livro, no qual estou envolvido há muitos anos, tive a oportunidade de testar em campo suas ideias, em vários contextos. Foi então que me disseram que seu argumento podia interessar a alguns outros públicos. Em primeiro lugar, como ele trata da importância formadora da adoração e da visão de mundo implícita nas práticas da adoração cristã, o livro poderia interessar a

¹ Nesta obra, *worship* será traduzido por “adoração/adorar” ou “culto/cultuar”. O termo inglês é polissêmico e versátil: ora significa “adoração/adorar”, ora “culto/cultuar”, ora “parte do culto dedicada à música” etc. Em português, usamos termos distintos para expressar esses diferentes sentidos do inglês. Dado o entrelaçamento tão estreito dessas diferentes acepções, deixamo-nos guiar por cada contexto imediato quanto à melhor tradução. Se o leitor pontualmente não se sentir seguro de nossa escolha, terá a garantia de saber que por trás de cada ocorrência de “adoração/adorar”, “culto/cultuar” e termos afins está a palavra inglesa *worship*, que pode ter o sentido mais amplo de *adoração*, o mais específico de *culto* ou então reunir em si os dois sentidos. (N. do E.)

² Edição em português: *A visão transformadora* (São Paulo: Cultura Cristã, 2010).

³ Edição em português: *A criação restaurada* (São Paulo: Cultura Cristã, 2006).

⁴ Edição em português: *O crente no mundo de Deus* (São Paulo: Cultura Cristã, 2008).

pastores, ministros que atuam nos *campi* universitários, líderes de adoração e outros responsáveis pela forma da adoração cristã nas igrejas locais. Seria uma honra e um prazer para mim se este livro pudesse ser um catalisador que servisse de convite às comunidades evangélicas e reformadas para que refletissem mais, e de modo intencional, sobre o que fazemos como povo que se reúne para adorar. Em segundo lugar, colegas que ouviram ou leram os primeiros rascunhos deste projeto disseram que os temas ou as questões tratados aqui podem também abrir novos caminhos e descobrir novas trajetórias para o pensamento cristão, e por isso o livro pode interessar a estudiosos (filósofos, teólogos, cientistas sociais e outros). Contudo, eu não quis abandonar as intenções pedagógicas do projeto e escrever um livro erudito. Portanto, os estudiosos poderão ler este volume como resumo ou síntese de um projeto de maior fôlego — uma espécie de nota promissória.

Espero manter essas promessas em duas monografias que se seguirão e que constituirão os volumes 2 e 3 de Liturgias Culturais. O segundo volume tratará especificamente da antropologia filosófica esboçada nos capítulos 1 e 2, com atenção especial para o diálogo emergente entre fenomenologia, ciência cognitiva e reflexão científico-social sobre formação prática. O terceiro volume discorrerá sobre os debates atuais em teologia política, tanto na órbita particular da tradição reformada (Mouw, Wolterstorff e outros), quanto no debate atual entre a concepção de democracia tradicionalizada de Jeffrey Stout e as críticas “neotradicionalistas” do liberalismo (MacIntyre, Hauerwas, Milbank). Este primeiro volume apresenta alguns indícios das contribuições que desejo fazer para essas discussões. No entanto, para que o livro não se afaste de seu público principal (estudantes e professores), procurei limitar essas questões mais eruditas, praticamente confinando esses indícios às notas de rodapé.

Material em destaque

Para imaginar

Retratando a educação como formação em <i>Road to Wigan Pier</i> , de Orwell.....	28
Por que a Victoria's Secret tem parte no segredo: imaginando o discípulo em <i>Moulin Rouge</i>	75
Marketing como evangelização: o retrato da liturgia do consumismo no documentário <i>The persuaders</i> [Os persuasores].....	104
Retratando as liturgias da universidade em <i>I am Charlotte Simmons</i> , de Wolfe	121
Retratando a resistência em <i>1984</i>	129
Retratando a imaginação sacramental em Graham Greene e Anne Sexton.....	146

Para pensar

A forma da educação cristã	34
Nabokov e a leitura feita com a espinha.....	58
Uma auditoria de práticas	85
O desafio do “Doutor Octopus”	93
Lealdades em disputa.....	111
Sacramentalidade e outras coisas em <i>Love in the ruins</i> , de Percy	143
A confissão como libertação.....	183
Renúncias concretas e contemporâneas.....	192
Cantando o fim dos estrangeiros.....	209

Figuras

<i>Homo liturgicus</i> : o ser humano como animal que deseja	48
Alterando o centro de gravidade do eu: do cognitivo para o afetivo.....	64
Da cosmovisão ao imaginário social.....	70
Rituais, práticas e liturgias	89

Introdução

ALÉM DAS “PERSPECTIVAS”: FÉ E APRENDIZADO REQUEREM PRÁTICA

Para que serve a educação? Para ser mais claro, o que está em jogo em uma educação caracteristicamente cristã? O que o adjetivo *cristã* significa quando se refere a educação? Normalmente, a ideia que se tem de educação é de algo que diz respeito a ideias e informações (embora, com frequência, o termo seja reduzido ao credenciamento de alguém para uma carreira e visto como passaporte para um emprego). Desse modo, a ideia que se tem da educação caracteristicamente *cristã* é que ela diz respeito a ideias cristãs — o que, em geral, requer a defesa da importância “da vida da mente”.¹ Desse modo, o objetivo de uma educação cristã é o desenvolvimento de uma perspectiva cristã, ou como se diz hoje em dia, de uma *cosmovisão* cristã, entendida como um sistema de crenças, ideias e doutrinas.

Mas, e se essa linha de pensamento estiver baseada na premissa errada? E se a educação, inclusive a de nível superior, não disser respeito principalmente² à absorção de ideias e informações, e sim à *formação* do coração e dos desejos? E se começássemos analisando não só como a educação entra em nossa cabeça, mas também (e especialmente) como ela nos agarra pelas entranhas — o que o Novo Testamento chama de *kardia*, “o coração”? E se a educação for algo que diga respeito, em primeiro lugar,

¹Essa defesa é necessária porque muitos cristãos norte-americanos têm um entendimento de fé que preza a preocupação com a eternidade e com a salvação pessoal em detrimento de atividades “mundanas”, como a realização de pesquisas e aquisição de conhecimento sobre este mundo. De acordo com essa imagem dualista, os cristãos deveriam investir tempo e energia em missões e evangelização, e não na pesquisa do câncer e em história da arte. Portanto, muitas articulações dos ideais da educação cristã de nível superior começam na defensiva e precisam justificar primeiramente por que os cristãos devem se preocupar com “a vida da mente”. Veja, p. ex., Clifford Williams, *The life of the mind: a Christian perspective* (Grand Rapids: Baker Academic, 2002).

²Ao leitor receoso de que minha proposta não passe de uma forma moderna de anti-intelectualismo, peço que observe especialmente os adjuntos adverbiais empregados neste parágrafo (*principalmente, especialmente, em primeiro lugar* etc.). Não estou advogando uma nova forma de dicotomia piedosa que nos obrigar a escolher o coração *ou* a mente. Em vez disso, defenderei a prioridade da afetividade que sustenta e torna possível o trabalho do intelecto. Em suma, não estou dizendo que amamos e, portanto, não precisamos conhecer; antes, amamos *para* conhecer. Nesse sentido, espero estar ecoando um tema antigo que encontramos em Agostinho e Máximo, o Confessor. Para discussão do assunto, veja Aristotle Papanikolaou, “Liberating eros: confession and desire”, *Journal of the Society of Christian Ethics* 26 (2006): 115-36.

ao desenvolvimento de nossas esperanças e paixões — à nossa concepção de “boa vida”? — e não simplesmente à disseminação de dados e informações que servirão de insumo para o nosso pensamento? E se a tarefa primordial da educação for a transformação da nossa imaginação, e não a saturação do intelecto? E se isso estiver relacionado tanto com o corpo quanto com a mente?

E se a educação não disser respeito primeiramente ao que sabemos, mas ao que amamos?

Essa, na verdade, é a aposta deste livro: ele é um convite à re-visão da educação cristã como projeto de formação, e não apenas de informação.³ É um convite para o que chamaremos de “uma aventura em antropologia filosófica”; sua convicção mais profunda é de que a forma que pensamos a respeito da educação se acha inextricavelmente associada ao modo de pensarmos sobre a pessoa humana. Boa parte do nosso pensamento sobre educação (inclusive as discussões recentes sobre cosmovisões) a vê como uma questão de disseminar informações precisamente porque parte do princípio de que o ser humano é, sobretudo, uma coisa que pensa, ou talvez um animal que crê. No entanto, creio que esses dois modelos nos dão uma imagem atrofiada e insossa da rica complexidade do ser humano.

Há (no mínimo) duas implicações importantes que decorrem disso — e são de tal ordem que o alcance do meu argumento vai além dos muros da escola e da universidade. De um lado, isso terá obviamente implicações para a forma que pensamos a educação cristã e, em especial, para o modo de pensarmos a missão e a tarefa das escolas, faculdades e universidades cristãs. Com base no modelo alternativo que proporei neste livro, a forma que refletimos sobre a educação especificamente cristã não é, antes de tudo, uma questão de escolher as ideias cristãs que despejaremos em mentes-receptáculos ávidas e receptivas; pelo contrário, trata-se de refletir sobre o modo pelo qual a educação cristã nos molda, nos forma e nos adapta para que sejamos pessoas cujo coração, paixão e desejos estejam voltados para o reino de Deus. Isso exigirá atenção constante às práticas que produzem tal transformação. Em suma, será preciso que a educação cristã encontre sua fonte e seu fundamento nas práticas da adoração cristã. De outro lado, creio que é preciso ampliar a compreensão que temos dos “espaços” da educação. Se a educação é sobretudo *formação* — mais especificamente, a formação dos nossos desejos — disso se segue que ela se dá em toda parte (para o bem e para o mal). A educação como formação não é o tipo de coisa que permaneça restrita aos muros da escola, da faculdade ou da universidade. Se educação diz respeito a formação, então é preciso que estejamos atentos a todo trabalho de formação que ocorre fora da

³Meu objetivo principal neste livro é a educação cristã de nível superior. Contudo, creio que quase tudo o que tenho a dizer aqui também tem implicações para a educação de nível fundamental e médio.

universidade: nos lares e no shopping; nos estádios de futebol e nos desfiles da independência; no culto e no trabalho.

Talvez a principal missão deste livro seja aprofundar o comprometimento com a educação cristã, o que também aprofundará o comprometimento com a adoração cristã. O objetivo é compreendermos o que está em jogo nos dois casos — nada menos do que a formação de discípulos dedicados que desejam o reino de Deus. Contudo, para que esse aprofundamento ocorra, temos de estar atentos ao nosso ambiente e hábitos, vê-los com novos olhos, como se os víssemos pela primeira vez. Para isso, vamos fazer um estudo de caso.

Tornando estranho o que é familiar: uma fenomenologia das liturgias culturais

Gostaria de convidar o leitor para um passeio em um dos locais religiosos mais importantes de nossa região metropolitana. É o tipo de lugar que talvez seja bastante conhecido da maioria dos leitores. Contudo, minha tarefa aqui é tentar fazer esse lugar parecer realmente estranho. Vou tentar fazê-lo ser visto de maneira totalmente nova, o que exigirá sacudir dos olhos as escamas da familiaridade trivial. Será preciso prestar toda atenção aos detalhes. Como num filme de Tarkovski, imagine que sua atenção está voltada para o olhar lento, paciente e observador das lentes da câmera. Vamos assumir o olhar da câmera e deixar que ele se fixe em algo que vemos o tempo todo, mas talvez não estejamos *enxergando*. Imagine que somos antropólogos marcianos e que viemos a este estranho mundo dos Estados Unidos do século 21 para colher dados sobre rituais e hábitos religiosos dos seus habitantes. Tendo saído de Marte equipados com as ferramentas para descrição etnográfica, vamos nos aventurar em um dos locais religiosos mais comuns dessa cultura e observá-lo com olhos fixos nos aspectos religiosos dos seus rituais. Junte-se a mim na inspeção desse local.

Como ainda estamos distantes, quero que você observe a enorme popularidade do nosso destino, indicada pelo mar colorido que é o estacionamento que contorna o edifício. O local pulsa com peregrinos todos os dias da semana, já que milhares e milhares deles fazem essa peregrinação. Para proporcionar um ambiente hospitaleiro e absorver o influxo diário dos fiéis, o local coloca à disposição deles um estacionamento de proporções oceânicas. Contudo, a monotonia do asfalto preto é quebrada pela cor dos carros e dos utilitários esportivos, organizados em filas, um atrás do outro, aguardando pacientemente enquanto os peregrinos se dedicam aos rituais do lado de dentro. Na verdade, o estacionamento é uma espécie de fosso em torno do prédio, uma vez que não há uma calçada que conduza até o local. Lugares religiosos desse tipo emergem quase que inevitavelmente nos entornos residenciais das cidades — áreas planejadas para os carros e que veem com suspeita o pedestre. O prédio sagrado proporciona até um santuário para essa cultura incessante de

mobilidade automobilística, uma vez que os peregrinos se dirigem até lá — principalmente no inverno — só para ter onde caminhar.

Chegamos agora a esse reluzente mar negro, salpicado de cores variadas, e encontramos um abrigo para nosso veículo, ainda a uma certa distância do santuário. Contudo, a hospitalidade dessa comunidade já nos alcança: esperando por nós, há um carro parecido com um trem que transportará nossa família pelo estacionamento. Outros peregrinos embarcam no veículo, e assim partimos em direção ao edifício que se esparrama para os dois lados e parece emergir do horizonte — um conjunto brilhante de vidro e concreto, de aparência familiar. Na verdade, como esse lugar religioso específico faz parte de uma rede internacional de comunidades religiosas, isto é, “católicas”, a arquitetura do prédio segue um padrão, o que nos faz sentir em casa em qualquer cidade. Os grandes pátios externos que dão acesso às entradas estão emoldurados com faixas e bandeiras; textos e símbolos conhecidos nas paredes externas ajudam os fiéis que vêm de fora a identificar rápida e facilmente o que se acha na parte de dentro; a grande extensão do edifício é ancorada por pavilhões maiores ou santuários semelhantes aos vestibulos das catedrais medievais.

Nossa viagem de trem nos trouxe a uma das várias entradas magníficas do prédio, por onde seguimos ao longo de inúmeras colunas de arcos cromados até a imponente fachada de vidro, cuja base ostenta uma série de portas. Ao entrarmos naquele espaço, somos levados a uma espécie de vestibulo, cujo propósito é receber, orientar e direcionar os novos interessados, bem como propiciar um espaço de descontração para que o fiel assíduo “entre” no espírito do espaço. Para os que não são frequentadores regulares, há um grande mapa — um tipo de auxílio ao culto — que orienta o neófito, apontando-lhe a localização de várias ofertas espirituais e guiando-o no labirinto que organiza e direciona a observância ritual dos peregrinos. (Pode se identificar prontamente os “assíduos”, os fiéis, que entram naquele espaço com uma sensação de familiaridade alcançada, que conhecem os ritmos de cor, graças à repetição que o hábito inculcou neles).

O projeto do interior é convidativo ao extremo; ele nos suga em direção aos seus espaços internos, há janelas no teto que se abrem para o céu, mas não há janela alguma nas paredes que dão para o fosso de carros circundante. Isso transmite uma sensação de abertura à verticalidade e à transcendência que, ao mesmo tempo, deixa do lado de fora o clamor e as distrações da horizontalidade, o mundo terreno. Essa forma arquitetônica de delimitação e de envolvimento transmite uma sensação de santuário, de retiro e de fuga. Desde o nártex, o pátio exterior, a pessoa é convidada a se perder nesse espaço que conduz o peregrino a um labirinto de octógonos e de círculos, num apelo a um devaneio que parece fugir da nossa maneira focada e orientada por objetivos de habitar o mundo “externo”. O peregrino também é convidado a esquecer do tique-taque do mundo e da contagem do tempo do relógio, e a migrar para um espaço governado por um tempo diferente, quase inexistente. Com poucas janelas e

uma curiosa manipulação barroca da luz, é quase como se o sol estivesse sempre aqui, ou como se perdêssemos a consciência da passagem do tempo e nos perdêssemos nos rituais dos quais viemos participar. Contudo, embora o tempo diário marcado pelo relógio esteja suspenso, o espaço de adoração é governado por uma espécie de calendário litúrgico festivo, que se veste das cores, símbolos e imagens de uma litania interminável de feriados e festas — às quais, regularmente, novas são acrescentadas, uma vez que a introdução de uma nova festa se traduz em maiores contingentes de peregrinos que se juntam às procissões no santuário e participam da adoração.

O projeto desse templo tem ecos arquitetônicos que remetem às catedrais medievais — espaços religiosos colossais capazes de absorver todo tipo de atividade religiosa diferente de uma só vez. Portanto, pode-se dizer que o edifício religioso tem um sinuoso labirinto para contemplação, ao longo do qual há inúmeras capelas dedicadas a vários santos. À medida que caminhamos em contemplação pelo labirinto, preparando-nos para entrar em uma das capelas, somos arrebatados pela rica iconografia que adorna as paredes e os espaços interiores. Diferentemente das representações de santos que se podem ver nos vitrais, aqui há uma série de ícones tridimensionais, com vestes vistosas, que — a exemplo de toda iconografia — nos inspiram a imitar seus modelos. Essas estátuas e ícones personificam para nós imagens concretas da “boa vida”. Aqui há uma proclamação religiosa que não transita por ideais, regras ou doutrinas, mas que, em vez disso, oferece à imaginação quadros, esculturas e imagens que se movem. Embora outras religiões prometam a salvação por meios rarefeitos e áridos, como livros e mensagens, essa nova religião global oferece imagens encarnadas dos redimidos, que nos convidam a imaginar nós mesmos em seu lugar — ou a imaginar nós mesmos de outro modo e, assim, nos submetemos voluntariamente à disciplina que produz os santos evocados pelos ícones.

Insisto novamente que precisamos compreender a catolicidade dessa iconografia: esses mesmos ícones da boa vida são encontrados em templos desse tipo por todo o país e no mundo todo. Os símbolos, as cores e imagens associados à sua vida religiosa são prontamente reconhecidos no mundo inteiro. A ampla circulação desses ícones por vários meios, até mesmo fora do santuário, nos convida, antes de mais nada, a fazer a peregrinação. Esse templo — a exemplo de inúmeros outros no mundo todo — oferece uma forma de evangelização vibrante, encarnada e visual, que nos atrai. Esse é um evangelho cujo poder é a *beleza*, que fala aos nossos desejos mais profundos e nos compele a nos aproximarmos, não com um moralismo rigoroso, mas, pelo contrário, com um convite cativante de participação nessa boa vida que vislumbramos. (No entanto, é preciso notar que ela também tem modos próprios de exclusividade; graças a seu sucesso extraordinário em converter as nações, torna-se cada vez mais difícil ser infiel.) Trata-se de uma forma de evangelização sustentada por uma rede transnacional de evangelistas e de campanhas em que todos comunicam um tipo de mensagem unificada, que envergonha as demais

religiões marcadas por divisões. Se unidade é um dos critérios que dão testemunho da verdade e do poder de uma religião, será difícil encontrar uma religião mais poderosa do que essa fé católica.

Quando paramos para contemplar alguns dos ícones localizados no lado externo de uma das capelas, somos levados a refletir sobre o que se passa dentro dela — convidados a participar mais propriamente no ato de adoração, para provar e ver. Um acólito nos dá as boas-vindas e se oferece para nos guiar nessa experiência, mas tem também a sabedoria de permitir que a exploremos sozinhos. Às vezes, nossa incursão de um labirinto para outro se dá de modo cauteloso, curioso, hesitante, com uma vaga sensação de necessidade, mas sem saber ao certo como ela será atendida, e por isso estamos abertos à surpresa — àquele momento em que o espírito nos conduzirá a uma experiência que não poderíamos ter previsto. Com aquele vago senso de necessidade, procuramos, sem saber exatamente o quê, mas estamos esperançosos, sabendo que aquilo de que precisamos deve estar aqui. De repente, topamos com o que buscávamos: vasculhando as prateleiras, nos deparamos com aquela experiência e oferta que nos satisfarão. Em outros momentos, nossa adoração é intencional, dirigida e resoluta: viemos preparados exatamente para esse momento, sabendo exatamente por que estamos aqui, exatamente em busca daquilo de que precisamos.

Seja como for, depois de passar algum tempo atentos, vasculhando o que o fiel chama de “prateleiras”, com nosso recém-achado objeto santo em mãos, seguimos em direção ao altar, que é a consumação da adoração. Embora os acólitos e outros assistentes de adoração tenham nos ajudado a navegar pela nossa experiência, atrás do altar encontra-se o sacerdote que preside a consumação da transação. Essa é uma religião de transação, de troca e de comunhão. Quando convidados a adorar aqui, não somos apenas convidados a dar; somos também convidados a receber. Não saímos dessa experiência de transformação apenas com alguns bons sentimentos ou generalidades piedosas; antes, saímos dela com algo concreto e tangível, com relíquias recentemente cunhadas, por assim dizer, que são em si mesmas meios para a boa vida encarnada pelos ícones que nos convidaram, antes de qualquer coisa, para esse momento de participação. E assim fazemos nosso sacrifício, deixamos nossas doações, mas em troca recebemos alguma coisa sólida embalada nas cores e nos símbolos dos santos e da festividade específica que está sendo celebrada. Despedidos pelo sacerdote com uma bênção, saímos da capela com uma sensação de completeza — não necessariamente com a intenção de partir (nossa consciência de tempo encontra-se suspensa), e sim para prosseguir na contemplação e sermos convidados a entrar em outra capela. Quem poderia resistir às realidades tangíveis da vida bem-aventurada que nos é oferecida de maneira tão abundante e convidativa?



Sem dúvida alguma minha fenomenologia desse lugar “religioso” o fez suspeitar que eu estava sendo irônico, mas prefiro resistir a essa acusação. Talvez seja preciso confirmar a identidade desse local religioso: como a maioria dos leitores já adivinhou a esta altura, ele está encarnado no shopping mais próximo. Pode ser qualquer shopping genérico de classe média, uma vez que a catolicidade dessa religião significa que encontraremos um evangelho surpreendentemente uniforme pregado em todos eles. Quero, porém, argumentar com firmeza que, ao descrever o shopping como local religioso, *não* o faço como mera metáfora ou analogia. Não é minha intenção simplesmente me divertir ou ser irreverente; pelo contrário, meu objetivo é tentar tornar estranho o que nos é tão familiar precisamente para que isso nos ajude a ver o que está em risco nas práticas formadoras que fazem parte da experiência do shopping. A descrição, em certo sentido, é propositadamente apocalíptica, revelando o real caráter daquilo que se apresenta como benigno.⁴ A descrição tem como objetivo desviar nossa atenção e perspectiva para que reconheçamos a natureza impregnada de *religião* das instituições culturais que todos tendemos a habitar como se fossem locais neutros. Olhar para o shopping através dos olhos da adoração e da liturgia, prestando atenção às práticas materiais concretas que fazem parte dessa experiência, nos dá acesso a um ângulo tal dessa instituição cultural que nos permite ver que o shopping tem sua própria pedagogia, um interesse pela educação do desejo. Ainda que não seja exatamente “A educação de Henry Adams”, podemos pensar nela como “A educação de Hannah Montana”.⁵ Portanto, podemos ver imediatamente que o shopping é uma instituição religiosa porque é uma instituição *litúrgica*, e que também é uma instituição pedagógica porque é uma instituição de *formação*.

Entender o shopping como uma instituição litúrgica e pedagógica nos ajuda a ver o que está em jogo em suas práticas; ao mesmo tempo, e somente por esse motivo, acho que essa fenomenologia da liturgia do shopping evidencia os limites da abordagem de uma cosmovisão. É difícil pensar no shopping de acordo com as categorias próprias de uma cosmovisão, como um lugar em que há ofertas de ideias (muito pelo contrário!); contudo, se o analisarmos da perspectiva do amor e da prática, compreenderemos o que está em jogo e passaremos a ver coisas que não tínhamos visto anteriormente. As abordagens que recorrem às cosmovisões normalmente (e com razão) afirmam que

⁴Essa ideia de uma leitura “apocalíptica” da cultura será discutida com mais detalhes no capítulo 3.

⁵Veja as reflexões de Mark Schwehn sobre *A educação de Henry Adams* em *Exiles from Eden: religion and the academic vocation in America* (New York: Oxford University Press, 1993), p. 94-126. Há uma tradição literária interessante encontrada em obras que tratam do tema “A educação de...”, tais como: *A educação de um príncipe* (1516), de Erasmo; *A educação estética do homem* (1794), de Schiller; *A educação de uma princesa* (1890), memórias de Marie, grã-duquesa da Rússia; e a obra mais conhecida de todas, *A educação de Henry Adams*. Essa tradição literária tende a ter uma compreensão mais holística da educação como formação de uma identidade e produção do caráter — a educação como criação de um *tipo* de pessoa.

todos os seres humanos são inerentemente religiosos, que todos, no fundo, são *crentes* comprometidos com uma constelação de crenças fundamentais, e por elas guiados, e ainda que não reflitamos a seu respeito, elas nos governam e controlam nosso ser e nosso fazer — é o que James Olthuis chama de nossas “visões *da vida e para a vida*”.⁶ O pensamento guiado pela cosmovisão procura também discernir de que maneira essas cosmovisões orientam não apenas as pessoas, mas também as comunidades, as instituições e os sistemas.⁷ Contudo, embora o discurso sobre a visão de mundo (que não desejo abandonar totalmente) critique os modelos racionalistas da pessoa humana que nos reduzem a máquinas pensantes, ele ainda tende a mostrar uma imagem muito “cerebral”, ou cognitiva, da pessoa humana, e, portanto, ainda pensa que o lugar de embate entre as cosmovisões, ou motivos básicos, esteja localizado no reino das ideias.

Creio, porém, que nos deparamos com os limites dessa abordagem quando tentamos compreender o shopping (só para citar uma única instituição cultural importante; podíamos mencionar também a universidade, o Estado etc.). Com algum esforço e alguma acrobacia intelectual, pode se argumentar que, no shopping, o que está em jogo são as ideias ou crenças, mas não creio que os peregrinos fiéis a caminho da Hollister acharão isso muito convincente. Na verdade, o espírito da religião do shopping é que, de fato, ele opera com uma antropologia (ou teoria da pessoa humana) mais holística, afetiva e encarnada do que a igreja cristã tende a supor! Como o pensamento da cosmovisão ainda tende a se debruçar sobre ideias e crenças, o impacto cultural formativo de lugares como o shopping costuma não aparecer na tela do nosso radar. Essa abordagem cerebral, preocupado com as crenças, não está realmente calibrada para enxergar as práticas quase litúrgicas em ação num lugar como esse. Uma abordagem baseada em ideias ou crenças não consegue ver a pedagogia em ação no shopping e, portanto, não consegue articular uma crítica e uma contrapedagogia. Para reconhecer o poder religioso e a força formativa do shopping, temos de adotar o paradigma da crítica e do discernimento cultural, cujo raciocínio vai muito além das crenças e cosmovisões e leva a sério o papel central das práticas formativas — ou o que descreverei neste livro como *liturgias*.

Se muitas configurações de práticas culturais funcionam como se fossem liturgias, como pedagogias formativas do desejo que estão tentando fazer de nós um certo tipo de pessoa, cabe perguntar a nós mesmos: Existe um lugar que poderia nos dar outro tipo de formação — um espaço de contraformação? Em face do tipo de criaturas que somos — animais litúrgicos, afetivos e com desejos — isso não pode ser resolvido simplesmente com novas ideias e nem mesmo com perspectivas cristãs. A pedagogia do shopping não se introduz primeiro na cabeça, por assim dizer; seu objetivo é o coração, nossas entranhas, nosso *kardia*. É uma pedagogia do desejo que

⁶James Olthuis, “On worldviews”, *Christian Scholar's Review* 14.2 (1985): 153-64.

⁷Por exemplo, Herman Dooyeweerd, *Roots of Western culture*, tradução para o inglês de John Kraay (Toronto: Wedge, 1979) [edição em português: *Raízes da cultura ocidental* (São Paulo: Cultura Cristã, 2015)].

Uma Teologia Filosófica da Cultura

Em *Desejando o reino*, o filósofo James K. A. Smith reformula todo o projeto da educação cristã focando o processo de aprendizado por meio da análise de três temas principais: liturgia, formação e desejo. Neste livro — o primeiro de uma trilogia que traz uma abrangente teologia da cultura —, ao mesmo tempo que o autor repensa a educação cristã como um processo formativo que reorienta nosso desejo em direção ao reino de Deus, defende a ideia de que a adoração cristã é, na realidade, uma prática pedagógica que treina nosso amor.

Valendo-se de uma linguagem clara, simples e apaixonada, James Smith mostra que a adoração está ligada à formação e que ambas dizem respeito à educação. Ele defende a tese de que a dádiva da adoração, a saber, o amor encarnado e dirigido a Deus, é crucial nas três áreas, e que os cristãos envolvidos nas atividades de ensino e aprendizado precisam prestar atenção, antes de mais nada, ao mandamento do amor. Esse é um livro importante, e certamente seus leitores não se restringem a acadêmicos e estudiosos, pois o tema interessa a um público muito mais amplo.

PAUL J. GRIFFITHS, Duke Divinity School

Esse é um livro instigante, inspirador e cheio de sabedoria. Ele rompe, de maneira profética, a barreira entre teoria e prática, entre teologia e outras disciplinas, entre análise descritiva e imaginação construtiva. Todas as pessoas envolvidas em educação cristã deveriam ler esse livro para terem ideia do que é uma visão holística do aprendizado e da formação. Todas as pessoas envolvidas na vida de adoração de comunidades cristãs deveriam ler esse livro para redescobrirem o que está em jogo nas escolhas que fazemos em relação às nossas práticas.

JOHN D. WITVLIET, Calvin Institute of Christian Worship,
Calvin College e Calvin Theological Seminary